

Quem são os produtores da feira de Economia Solidária na UEM/Sede?

Área Temática: Trabalho

Mara Lucy Castilho¹, Murilo Florentino Andriato², Luna Carulina Mendes Filgueiras³

¹Prof^a Depto de Economia– DCO/UEM, contato: mlcastilho@uem.br

²Aluno do curso de Ciências Econômicas, contato: andriatomurilo@gmail.com

³Aluna do curso de Psicologia, contato: lunacarula@gmail.com

Resumo. O projeto “Quitutes e Belezuras” objetiva estabelecer de forma contínua e periódica a feira de Economia Solidária no espaço universitário, como forma de aproximar as comunidades externa e acadêmica. A caracterização dos produtores participantes de tal projeto foi alvo do presente estudo, realizado por meio de entrevistas. Como principais resultados, podem-se constatar que predominam as mulheres (75%), acima de 36 anos de idade (50%), com ensino médio completo (25%) ou superior completo (25%). Para 75% dos entrevistados a renda advinda da atividade representa até 50% do total mensal, sendo que para 17% este percentual varia de 76% a 100%, evidenciando a importância da feira como forma de geração de renda aos trabalhadores.

Palavras-chave: Economia Solidária – trabalho – renda

1. Introdução

O Programa Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho e os Movimentos Sociais (Unitrabalho) da UEM/Sede busca unir “saber popular” e “saber científico”, em tentativa de transformação da prática cotidiana inter-relacionando as atividades de ensino, pesquisa e extensão, como autêntica manifestação cultural promotora da necessária aproximação entre o conhecimento prático e a sistemática científica (CULTI, 2011). Para tanto, conta com diversos projetos de extensão, dentre eles, o “Quitutes e Belezuras” que nasceu em maio de 2017 com a finalidade de institucionalizar a Feira de Economia Solidária dentro do campus sede da UEM.

Compõem este projeto diversos empreendimentos econômicos solidários (EES), incubados na Unitrabalho, mas também grupos ainda informais praticantes da economia solidária. A produção é bastante diversificada, indo desde alimentos da agricultura familiar (hortifrutigranjeiros, leite e seus derivados, entre outros), como produtos processados (panificados, doces, compotas, lácteos, etc.), até artesanatos diversos (*souvenirs*, cosméticos, roupas, acessórios, etc.). Todos prezam pelas boas práticas de produção, respeito ao meio ambiente e sustentabilidade.

O presente trabalho buscou identificar o perfil dos produtores participantes da feira. Para tanto, realizou entrevistas semiestruturadas junto a tal público, na última edição da feira, que se realizou concomitantemente à recepção dos calouros de 2019, entre os dias 14 e 15 de março (LAKATOS; MARCONI, 2017).

2. Análises dos resultados

Durante a quarta edição da feira de economia solidaria na UEM foram realizadas as entrevistas junto a 12 expositores a fim de identificar fatores socioeconômicos, bem como informações sobre a matéria prima, produção e meios de comercialização. Ressalta-se que os agricultores familiares não fazem parte desta amostra, portanto, todos os entrevistados são do meio urbano. Além disso, 84% dos entrevistados são residentes na cidade de Maringá, e 26% são residentes na cidade de Paiçandu.

Foram realizadas perguntas referentes aos dados socioeconômicos, sobre compra de matéria prima, produção e comercialização, algumas informações obtidas nessa pesquisa são apresentadas nesse trabalho. A Figura 1 mostra dados socioeconômicos, dados sobre a produção e tempo na economia solidária. Como pode ser observado, 75% dos entrevistados são mulheres e 25% homens. A faixa etária com maior participação são de 26 a 35 anos com 42%, entre 36 e 50 são 25%, e outros 25% acima de 51 anos, apenas 8% tem de 18 a 25 anos. Quando se observa o estado civil, 50% são casados, 34% são solteiros, 8% são viúvos e 8% são divorciados. Já a escolaridade é bem variada, 25% apresentam superior completo, e outros 25% médio completo. 8% fundamental completo e outros 8% fundamental incompleto, 17% apresentam superior incompleto e 17% pós graduação.

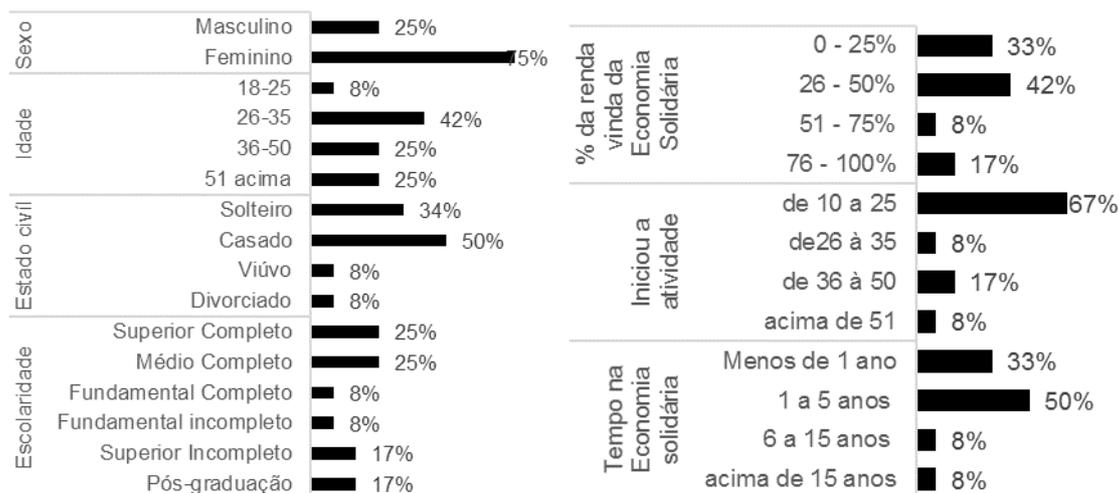


Figura 1 – Dados Socioeconômicos, sobre produção e ofício

No que se refere à renda, 75% afirmaram que sua principal fonte (até 50%) não é proveniente da Economia Solidária, ao passo que para apenas 8% esta renda representa de 51% a 75% e para 17%, acima de 76%. Além disso, foram questionados quando a idade que iniciaram as atividades. 67% dos entrevistados se situam entre 10 e 25 anos, 17% entre 36 e 50 anos, 8% entre 26 e 35 anos, e outros 8% acima de 51 anos.

Quando questionados sobre o tempo em que estão atuando na economia solidária, 50% estão entre 1 e 5 anos, 33% estão a menos de 1 ano, entre 6 e 15 anos estão 8%, e outros 8% estão a mais de 15 anos.

Não obstante, foram feitas perguntas referentes à matéria prima, produção e comercialização. Quanto à produção, 42% dos entrevistados produzem artesanatos, 25% alimentos e compotas, outros 25%, utensílios e acessórios, e cosméticos apenas 8%. No tocante à matéria prima, mais de 42 tipos de materiais foram citados ao longo das

entrevistas. Como pode ser observado na Figura 2, todos os produtores e artesãos compram materiais para a produção, entretanto 17% afirmaram que trocam parcialmente alguns materiais (sobretudo quem trabalha com fabricação de alimentos) e 25% afirmaram reciclar materiais, como plásticos e derivados, vidros e metais.

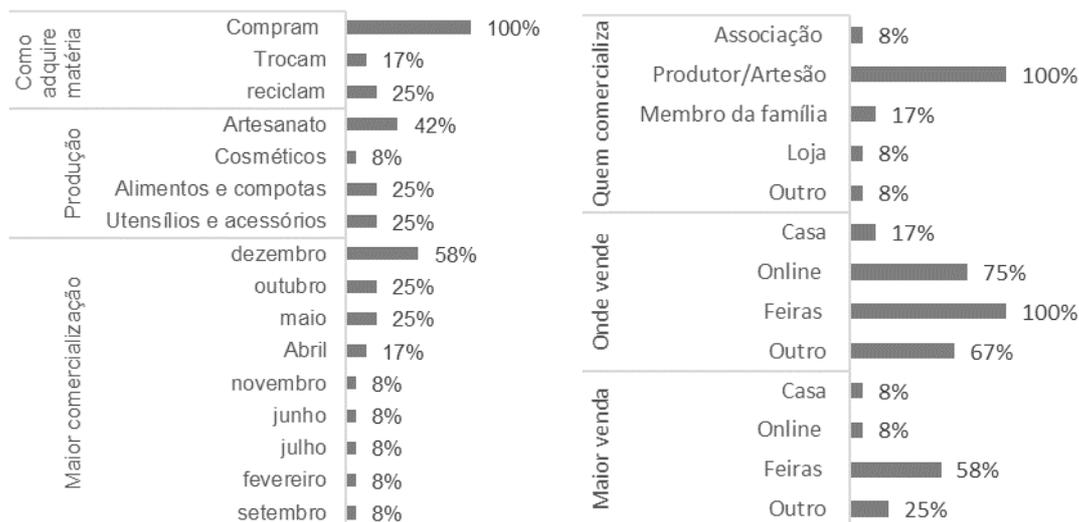


Figura 2 – Dados sobre matéria prima, comercialização e renda dos produtos

Quando perguntados sobre os meses com maior comercialização, 58% afirmaram ser o mês de dezembro, seguido de outubro e maio, ambos com 25%, abril com 17%, e novembro, junho, julho, fevereiro e setembro, com 8% cada. Ainda sobre a comercialização, todos os artesãos e produtores vendem seus próprios produtos, sendo que 8% ainda vendem através da associação, 17% recebem auxílio de familiares, 8% tem convênio com lojas e 8% utilizam outros meios de comercialização, como parcerias com restaurantes e mercados. No que tange ao local de comercialização, 17% vendem em suas próprias casas, 75% afirmam vender *on line*, seja por *sites* ou redes sociais, 100% vendem em feiras e 67% vendem de outras formas, como pessoalmente na rua e “boca a boca”, por telefone, por indicações e em estabelecimentos comerciais – como padarias. Entretanto, quando questionados sobre o local onde vendiam maiores quantidades, 58% afirmaram ser as feiras, em casa e *on line* foram 8% cada, outros meios de venda (pessoalmente, por indicações e na rua) representam 25%.

Sobre a produção, a média de horas trabalhadas foram de 5 (cinco) horas diárias, sendo que 52% afirmaram não receber ajuda de terceiros, ou seja, são responsáveis por todo o trabalho. Dos 48% que recebem auxílio de terceiros, 60% recebem apenas de uma pessoa, 20% de duas pessoas, e outros 20% acima de três pessoas. A ligação de terceiros está restrita a esposa ou esposo, filhos e amigos, todos sem vínculo empregatício. Em apenas um dos casos, as filhas que auxiliavam a artesã eram também associadas à Associação de artesãos. Nos outros casos, o auxílio é apenas pontual, como auxílio para máquinas e aparelhos técnicos. Quanto ao local de trabalho, 83% produzem na sua própria casa, e 17% em espaços compartilhados. Quanto ao uso de equipamentos e máquinas, 17% não utilizam máquinas, sendo 100% do produto manual. Dos 83% que utilizam máquinas, todos são os proprietários, sendo que 42% também compartilham e/ou emprestam as máquinas a outras pessoas.

Quando perguntados sobre a importância da feira na UEM, foram ressaltados pontos relacionados ao ambiente como “um local tranquilo, pessoas com cabeça aberta, silencioso, arborizado”, “interação entre acadêmicos e a comunidade externa”, “interação entre os artesãos e outros produtores”, “conhecer pessoas novas, fazer novos contatos”, “divulgar os produtos”, “troca de informação” e “difundir a cultura de artesanatos”, além disso, foi ressaltada a importância do espaço para a venda dos produtos.

3. Considerações finais

O projeto “Quitutes e Belezuras” busca implementar a comercialização de produtos dos EES incubados e também de grupos informais que se identificam com a temática da Economia Solidária, no campus universitário UEM/Sede. Sua meta é tornar a feira periódica e contínua, objetivo que ainda não foi alcançado devido a impedimentos legais justificados pela administração superior da universidade.

Enquanto produtores participantes da feira, pode-se constatar que estes são predominantemente mulheres (75%), cuja idade está acima dos 36 anos (50%) e a escolaridade varia entre médio completo (25%), superior completo (25%) e superior incompleto (17%), o que caracteriza trabalhadores instruídos, com educação formal, embora este possa ser um viés dos entrevistados, haja vista se tratar apenas de EES do meio urbano, excetuando-se a agricultura familiar.

Vale destacar que a comercialização é sempre realizada pelos próprios produtores e em feiras (100%), além de outros meios que ganham força (*sites* ou redes sociais – 75%). No entanto, a maioria (58%) afirma que as feiras proporcionam maiores vendas, sendo que para 75% dos entrevistados a renda advinda da atividade representa até 50% do total mensal, salientando a importância de contarem com o espaço universitário para a comercialização, como forma de geração de renda e, portanto, reconhecimento ao trabalho desenvolvido por essas pessoas.

Importante salientar que este espaço vai além da simples comercialização de produtos, visa também a interação entre as comunidades interna e externa. Além dos produtos de fabricação própria, são possíveis as trocas de livros, roupas e conhecimentos por meio das rodas de conversas e oficinas e exposição artística, gerando interação e contato entre os membros da comunidade. Também é produzido um ambiente cultural repleto de exposição de conhecimento e apresentações musicais, enriquecendo o espaço universitário.

Referências

CULTI, Maria Nezilda (org.). *Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários – Aspectos conceituais e a prática do processo de incubação*. Maringá: MDS/Proninc, UEM/Núcleo/Incubadora Unitrabalho. Caiuás Gráfica e Editora, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. *Técnicas de pesquisa*. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.